This interview is with a Guarani-Kaiowa indigenous leader in the state of Mato Grosso do Sul.

She talks of lack of health care in her tekoha (indigenous territory); how process of land titling has reached homologation stage and how many of her relatives have died (or been killed) in the 21 years the process has been going on. She is living very precariously. Asked about how indigenous people are treated in city, she talks about bad treatment and racist name-calling (“nos xinga muito na raça”) (4-5); mentions schools in this respect too (5); refers to loss of culture; talks about rezadores, who pray to Nhanderú é Nhandeçú (6-8); intermarriages with whites (8); suicides attributed to presence of gunmen and farmers; indigenous and blacks are on same path; they have same blood (9)

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

Luciane – A senhora poderia falar o nome da senhora, etnia e região, sei lá, que mora?

M - Pode falar?

L – Pode.

M – Meu nome é XXXX, sou do município de Carapó. Meu Tekohá é Gurarocá. A gente tava lá dentro do nosso Tekohá, é… 21 anos já.

L – 21 anos…

M – 21 anos. A gente tá lutando, lutando, a gente não conseguiu ainda. Porque lá… lá a gente tá passando muito sacrifício lá. Depois que meu esposo faleceu, ele cacique, é liderança. Depois que mataram ele lá, mandaram mataram ele lá. Depois, quatro ano calado vai fazer amanhã… Vai fazer quatro ano. Aí a gente não vai mais pra frente e nem pra trás… Aí fica parado, né aí… Começar tudo de novo agora, nisso que tá começando Apiguaçú aí dá mais a força pra mim e pra ver como que vai ficar nosso Tecohá, porque as criança mesmo, mesmo lá que onde a gente mora no nosso Tecohá. Porque lá não tem nem escola, não tem postinho… Nada mesmo não tem… E sacrifício lá a gente tá passando, porque as criança tá estudando na vila longe, se chover, embaixo da chuva… Não foi pra escola… Tem que esperar passar a chuva, depois perde a dois, três dias a aula dela… Depois vai de novo indo assim porque ninguém ajuda lá, ninguém tem lá. Porque ninguém foi conversar comigo porque eu, eu mm preciso da ajuda pra apoio… Alguma pessoa pra me ajudar, porque a gente tá passando muita dificuldade lá porque lá não tem nem doutor, nem enfermeira, nem nada… Tem agência de saúde sim, mas só que é difícil quando a gente chamaram pra vir levar que a pessoa, a criança assim, doente… Ele não vem… Depois passa dois, três dias vem…

L – Pode ser fatal, né? Três dias…

M – Porque a gente lá é muito… A gente fica lá é… no nosso… Meu tecohá mesmo ficou… é 35 quilometros fica Carapó. Intorá ficou 45. Tem Fátima do Sul, bem no meio mesmo da gente, nosso Tecohá é… 25 quilometro. Mais perto a cidade tem, chama Fátima do Sul. É porque a municipio de Carapó é 35, é porque a gente não tem carro, não tem nada porque ônibus escolar não deu carona… Como que a gente vai… O que precisa! Eu mesma, o que eu preciso mesmo… Eu não tenho salário de nada mesmo… Eu tenho as criança, eu tenho… Ainda depois que o pai dele morreu, eu tenho o meu netinho também aqui comigo… Um dia que eu fiquei aqui sentada e conversei com meus guri: “É... Acho que eu vou levantar de novo, eu mesma que vou. A onde que seu pai foi parar, eu depois vou começando lá do começo. Vou começar de novo.” Porque meu interesse é lutar porque a gente não para. Um dia… Um dia se falecer, um dia vai ficar pras criança, vai ficar pros netos, pra neta vai ficar… E indo assim, a gente precisa mesmo pra colocar lá o posto de saúde… Não tem… Uma escola também não tem… Não tem pra fazer dentista lá e pra fazer preventivo lá… E pra fazer pré-natal lá, as cri... pras mulher que vão ganhar o bebê. E não tem mesmo lá, porque a gente é difícil mesmo lá, porque pelo do jeito a Funasa e a Sesai agora né? Que entra… não quer ajudar a gente mesmo porque… Eu não sei porquê que! Eu já falei… conversei bastante com ele também pra colocar esse, esse pertence pra… pra Sesai, aquela pra colocar posto de saúde. Porque o posto de saúde lá não tem… Porque, não sei porque que não colocaram já! vai fazer que prometeu, prometeu, agora já final do ano já. Porque o dia que… nesse mês que vai entrar, tudo mm parado! Porque vai chegar o Natal… Mm agora, não sei porque pra mim, come… começo desse 2018… Aí eu preciso alguma coisa que eles tem pra me ajudar porque lá. Eu quero que vocês, e algum de vocês vai lá que ver como que a gente tá passando lá. As criança tá passando dificuldade… Eu tenho a minha vó acamada também. Porque… Eu não sei! Eu não sei se demarcação fala que vai sair, não vai sair…

L – A terra não tá demarcada ainda?

M – Não, tá homologada. Tá homologada. Porque tá na mão da justiça, aquele lá… Porque sabe aquela… documento da Curarocá ele rasgou a … Que não era desse… Não, era desse sim! Nosso Tecohá, que meu pai morreu lá, meu todo meu esposo morreu lá, meus parente que morreu lá. A gente tá morando, não é agora que a gente tá morando, você vê? É 21 ano, não é 21 dia, né? 21 ano é muito mais… é muito chão. A gente desde que começo agora, depois que meu esposo foi pra (inaudível) que faleceu. A gente fica parado…

L – O que que aconteceu com seu esposo? Como é que era a luta dele? Por que que ele foi assassinado?

M – A luta dele é… Ele anda pra demarcação da terra. Não é que só uma tá fazendo. Começo daqui mesmo. Nesse, bura... Pirakuá mesmo. Começa até o fim. Lutar. Lutar pra até um dia você ter... falar pras minhas menina, pra meus caçula eu falei, é: “Tem que pensar vocês e levar a herança do teu pai… falei pra ela… Pra levar, pra lutar… Como que a terra, a gente luta pra vocês isso daí. Um dia você vai crescer, um dia você vai segurar a herança do seu pai. Pra levar a luta. Não é aqui que vai levar. Não só uma aldeia que vai levar. Mas é todo o nosso Tecohá. Vai se ajudar.” Aí eu fiquei muito preocupada, sabe porquê? Eu lá mesmo não tem liderança lá. Não tem mesmo…

L – Ele que era a principal a liderança aí depois que ele foi assassinado…

M – Assassinado não tem liderança… Aí que a dona Alda vai me procurar, fala pra mim: “Vai, segue o caminho do t era... era do seu esposo… Fala pra mim. Aí eu começo… Meu deu a força pra mim de novo. A gente primeiro não tinha força, não pensa muito.. Porque eu mesma fiquei com ele 25 anos de casado. Depois que ele morreu, né? Aí eu fiquei parada… Eu não tenho nem irmão nem irmã, lá meu tudo morreu! Tudo lá já, meu pai também…

L – Você tá sozinha…

M – É. Só a minha mãe que ainda tem vivo ainda.

L – E a senhora tem quantos filhos?

M – Eu tenho sete, dele mesmo. Sete. Uma caçula tá… depois que ele morreu também… Eu não peguei nem a bolsa da família. Tem que pegar as crianças, eu não peguei nada mesmo. E o… é óbito dele que eu peguei, então também cancelou, não sei porquê que era pra mim pegar até 21 dados, aquele minha caçula tinha. Mais tem treze ano, ela me falou… Eu não sei porquê... Aí um dia eu fiquei chorando. Aí fui lá, falei… conversei com meu… eu tenho meu advogado conversei com ele pra me aju...: “Você tem que me ajudar!. Por que tem que trazer… vem no trator pra mim trabalhar. Eu não sei, pra mim trabalhar na roça!”. Eu falei pra ele. “É tudo o que a gente tá comprando no supermercado, é tudo da planta da terra.” Eu falei pra ele. “Tem que mandar que seja um pouco pra mim plantar alguma coisa,”, eu falei “pras crianças… (vento soprando) as criança” eu falei pra ele assim. Porque eu vim aqui…. Eu vim aqui pra me ajudar mesmo. Alguma pessoa, eu falo mesmo que é pra me ajudar mesmo. Não é como uma só que vai me ajudar. Eu sei que to passando muito sacrifício lá. Porque a gente não tem nada mesmo lá! Eu vou te falar a mesmo… Não tem nada mesmo. Que que veio Minha Casa lá. A pessoa que veio da comunidade que tava lá também… É sacrifício mesmo que tá passando, porque lá cesta do governo também foi pra quem pegar. Quem não pegou passa fome assim as criança. E não tem roça, e não tem trator, e não tem nada mesmo… E como que tem que sustentar mm… Uma coisa. Pra poder plantar alguma coisa. E lá é assim é… Eu só… eu passei muito sabe por quê? Tem a minha avó morreu lá. A.. meu esposo também morreu lá. Tem meu irmão, tem o sobrinho, tem mais o… Tem várias pessoas que morreu lá também. Uma morreu pro veneno. Tenho uma neta que morreu pro veneno, venenada dá bala de borracha”, que morreu também lá. Era pra fazer 18 anos já… Ele morreu lá também.

L – Envenenada na bola de borracha?

M – Da bala de borracha…

L – Como?

M – Ela tinha onze anos. Ele po… Ela tinha onze meses. É onze meses. Porque a gente tá entrando a retomada, aí ele pegou a bala de borracha que era assim… É… Era pra ter 18 ano. Porque a mãe dele agora sofreu na acidente. Ele sofre demais e a … eu falei pra ela: “Tem que lutar pro teu óbito do teu filho!” Falei pra ela. Tem que ver… E como que vai falar pra vocês que entra lá e conversa… Quem que vai ajudar vocês lá no (inaudível, vento soprando). Porque lá… A gente não trabalha, se você ver a nossa… a mulher, não é que a o homem levar, assim… que trabalha, assim… A mulher é mais fraca que do homem né? Mas a gente não consegue trabalha assim fora pra sustentar, paga alguma coisa pra trazer às crianças pra cá. Porque se a mulher tem que ficar em casa! É e… Eu só mulher mais eu mesma, eu fica… Onti (ontem), onti eu liguei lá, meu filho fala: “ô mãe a gente não tem mais nada pra comer...” Aí num ré… Aí falei pra ele assim: “Meu filho eu tem mm, vim aqui muito longe” a primeira vez que eu vim aqui.. falei pra meu… aqui é longe, eu vim longe demais, Aí fala pra mim: “Mãe, que dia que você vem?” “Não sei não… Não tem hora nem dia...”. eu falei vai se chover pra cá, a pessoa fala que não vai passar. Aí fala… fica preocupado aí... Aí ontem eu conversei com a minha filha e falei pra ela assim: “A gente vamo lutar! A gente passa mesmo amor pra herança do teu pai, como que… pra ver aquela… a terra nosso lá, porque tá demais lá! Porque gente… lá mesmo a gente procura a gente lá. E procura a saúde lá, e procura a prefeitura lá. Tem o vereador lá também, não ajuda a gente também. Tem vereador Lixiná? Também… Nosso a … nosso município lá que mora também. Mm e não foi nenhuma vez. Só pediu voto e não foi mais… Não foi mais. Aí a gente tava passando muita dificuldade.

L – Como que é a relação de vocês com a cidade, assim… As pessoas tratam vocês mal? Vocês chegam a sair quando vão no mercado assim ouvem piada? Xingam?

M – Sím. É… Esse dá escola mesmo. Dá escola mesmo. Por isso que a gente querendo dentro da aldeia a escola. Isso que me (inaudível), tem a … Nesse ano, nesse 18… tenho a minha filha de 18 que tá fazendo já… vai passar pro terceiro já. Vai terminando já. Aí, no mês passado que foi… foi na escola. Saiu cinco hora da manhã volta da escola duas horas da tarde. Porque não tem ônibus ida e volta. E mo.. é… estuda na cidade. Aí não vem… a gente tem que pagar tudo. Tem que comprar cartolina. Que pede alguma coisa tem que comprar. O valor cinquenta, vinte cinco e valor cem real… a gente, a onde vai achar? Então. Ele fala assim pra mim, ela fala liga: “Mãe! Vou ficar aqui na escola!” A escola tem livro, pra fazer livro da… Do município. Aí falava assim: “Então fica”. Ela fica lá depois ela fazeu (fez) tudo o trabalho dela. O trabalho dela fazeu tudo… Até cinco hora o ônibus já vai saindo. Depois o professor, o outro professor ela… Aí já… Ela já vai saindo já. Aí ele: “Não, não, não! Vocês melhor descer” E manda: “Vai a pé! Seu cachorro, vagabundo, veado, macaco, porco.” Falando. Até chorando! Aí, chegou lá, lá em casa falei: “Mãe aquela motorista, aquela mesma lá da escola mesmo me xingaram muito na raça… índia suja, índia burra… Ah… Sei lá falaram tudo mal pra mim.” E aí eu chorava, chorava bastante.” Fala mãe... Aí no outro dia eu fui lá na prefeitura. Aí eu levei… Eu levei ela também. Aí chamou a atenção. E falou pra ele: “Eu não falei nada”. Falou sim! Ela mesmo falou: “Você falou!” Falou desse jeito e ele olhou bem nela: “Na próxima não ponha nem um pé dentro do ônibus!” assim falou pra ela… “Eu vou sim! Se você não manda... Eu quero que aonde eu quero entrar, pra mim sair. Era do… igual do meu pai, eu entro a onde eu saio” Falou pra ele. Aí ele ficou quieto. Enrão ele voltou, de fazer o documento. Depois, as crianças de manhã, tem vinte oito crianças. Saiu cinco horas… Se chover, o pés sujo e manda limpar. Se não limpar o pé, não entra dentro do ônibus. E manda voltar em casa de novo. E se roupa suja, e manda de novo em casa dele. E depois tem falta pras crianças. É assim e ele falava muito. “Ah sei lá que aquela que não gente” e fala mesmo que falava pra ela, pra a criança. Quem entra na vila já sabe português porque na língua dele ele não estuda. Ele estuda em português. Então é por isso sabe já aqui. Aí chegou, falava: “Mamãe, eu voltei de novo! Voltei de a roupa tá sujo… Aí roupa suja, aí me mandaram de novo. E você vê as criança… Criança mesmo! Quando chove, que relando o barro já fica mesmo… Porque da… É então… Ele mandou de novo. Não é uma vez que vai… até agora, vai final do ano né? Nisso a gente continua, eu não aguento mais. Mas só que eu falei pras criança: “Vamo… Vamo ver aquela escola! Tem que levantar a escola dentro da aldeia. Tem que ver a professora.” Pode ser contratada, eu falei pra ele porque tá demais! Porque dentro da vila… nos xinga muito na raça. Nos xinga muito. Tudo o que fala mmm não é pra falar nem falava então… Então aquele lá mmm, da… do… Porque não é município, aquela… como chama aquela outra….

L – Cidade?

M – É… Tem lá um município é… Não é munícipio… Eu não sei mais falar o nome dele, tem lá a escola. Naquela lá tem que pagar mesmo alguma coisa. (talvez esteja falando de escola particular). Mas agora, falou, vai entrar outra professora. Vai entrar outra. Falou, tem que levar pra pagar pra lanche. É… se não levar lanche não vai tomar lanche! É né… voltou desse jeito! Porque não come. Porque as crianças vêm reclamando só pra mim reclamando. Porque tem 28 crianças, as minha foi no pé. Perto tem bastante… dez criancinhas pequenas,de quatro, cinco anos. De nove de seis anos, já primeiro, segundo, terceiro… Tem até nono ano e estuda lá. E, terceiro já estuda na cidade. Só que se chover… se deu “garoino” não leva não. Se não mandar limpar, manda de novo de volta. Ele perde, no outro dia já perde já. É assim. Porque lá é a nossa… eu vi lá na, perto do aonde que é nosso Tecohá também é… no Passo Pirajú eu vi já a escola já. É, tem… mora… Ele mora lá dez ano. Já tem a escola, já tem professora… Eu não sei porque quê lá não colocaram escola!? Porque é dificil pras crianças, cada vez mais as criança aumenta! Depois vai pra cidade, você vê mesmo a gente… A gente passa, né? O índio tá do… Vocês negros… Passaram muito xingando a gente, então a gente não quer, porque é mmm… Não dá mesmo que né pra… E se fala burro, se fala alguma coisa… burro, mm porco, macaco. Não dá pra falar. E aí, as criança assim… Mas continua assim as crianças estudando, porque eu não quero fa... ficar parado, sabe por quê? Porque tem que estudar as crianças… Tem que estudar. Nesse dia antes a criança também não trabalha na roça… tem que estudar né? É tem que estudar! Então minha proposta só essa. É…

L- Uhum… e qual que a senhora acha que são… As coisas da cultura assim Guarani-Kaiowá que a senhora acha importante e que tá perdendo assim…

M – Tá, tá perdendo. Porque tá perdendo, sabe? Eu fui lá no conselho tentar me… minha sobrinha lá. O Conselho de Carapó, fala vem… foi lá em casa. Eu falei pra assim... Me ligaram pra mim: “Vem dona M”, pra mim conversar aqui. “Eu não vou lá! Você vem, tem que conversar aqui pra você ver as criança, como que eles tá passando.” Aí ele vem fala pra mim: “Então tá.” Um dia ele marcou… Quando ele vem, fala pra mim: “Eu vim aqui M, tem as criança… A gente tá acolhendo. E você vai… A senhora vai ficar com ela? “Eu fico.” Eu falei pra ela assim: “Se vai ficar com… se la na acolhida? Fica acolhida fica dois, três meses. Você se acostumou com café, com o pão, com a comida mm, bem, bem mesmo na mesa, né? E já perdeu a cultura… porque a gente indígena tem bastante cultura. Por isso que o indígena perde muito a cultura dele.” Aí me olhou bem assim: “É verdade… Por isso que a gente, agora em diante, a gente não pega mais criança. Quem… levar mal a filha o filho dele, as criança e pega. Se tem tia, se tem tio… Por que fica de aguardo, porque assim não vai perder a cultura.” Fala pra mim. É verdade, porque eu nunca falei pr ele… É verdade mesmo, é verdade a gente não perde a cultura. Eu não perdi até agora aqui do jeito que meu pai me ensinaram, num perde uma cultura. Aí eu mostrei pras essas minhas criança, assim, assim. A cultura da gente, assim, assim. Eles sabem. Porque não perde. Se vim se ver um ano, dois anos, três anos se vem já não quer comer mais a cultura da indígena, porque ele já acostuma já, porquê né… A cama. Você vai achando uma cama. Se a cultura da gente dorme no chão! E qualquer jeito. E fazia fogo no chão… e põe a panela em cima… Põe batata assado, mandioca assado… É o milho ralado pra fazer a pamonha. A panela também… Aí já costume demais e ele ficou dois, três anos mas já perde já cultura. Aí eu falei pra ele assim…

L – A língua também…

M – Da língua também… Por isso também tem bastante da língua também perdeu, mas e, graças a Deus, até da idade… que eu tenho 51 ano, todas as minhas crianças não perde a língua. Sabe português, e a língua não perde, não perde mesmo. Aí então é assim… é, as criança agora tem para mim tirar… os sobrinhos de lá, fala pra mim. Ontem eu conversei com a cacique da aldeia de Dourados. Fala pra mim: “Dona M, antes de levar... olhar, acolher as criança, vai lá buscar. Vão mandar prender a língua de nós. Fala pra mim. “Eu sei… E eu sei mesmo e é bom você abrir a sua boca pra mim, e você em Dourados encheu o branco lá! Encheu e vocês perdeu a língua.” Eu falei bem na cara a noite, eu falei pra ele. Ele olhou bem assim: “É verdade”. E você fala em português e você não falava… e não tinha mais criança em Guarani não é idioma. Eu falei. Aí ele olhou bem assim: “É verdade.” “Eu vou buscar ela, pequenininha ela tem um ano e oito meses e a outra tem cinco ano. E eu vou pegar ela daqui.” Eu falei pra ele: “Vou pegar lá e vou ensinar.” Aí falava pra mim: “então tá bom”. “Eu vou mesmo.” eu falei pra ele. “Mas não manda levar lá porque eu fui varias lá na acolhida ouvir indígena lá que já perde a língua, já perde tudo já… E não sei aonde que vai mandar as ca… tem um, um menino de 15 ano, de 18 ano, de 16 ano, 13 ano, nove anos. Vai indo. Essas criança pequena, aí já perde e não sabe pra onde que vai mandar essas criança. Porque já perde muito a língua porque já tem bastante as crianças…. Era criança… era pequenininho, já cresce já… Então a minha eu já… eu já ensinei.

L- Que bom... É… O que que dá força pra senhora pra continuar na luta?

M – A força pra mim é reza! É Cambaracá, Nhanderú…

L – E Cambaracá é o que?

M – Cambaracá é aquele…

L – aqueles coisinha..?

M – É… Ensinar o cultura. É rezar. Se não chover mais é rezar pra chover. Se chover muito rezar também pra não chover… É… é… entendeu. Assim sempre ensina assim, as criança de pequinininho… Não perde mesmo a reza. Todo o que fica aí põe em Nhanderú, Fala pra ele, ensina. É… meus filhos mesmo todos sabe que mm… rezando Cambaracá, Kwatakuá. Todo colar, o cocar na cabeça.

L – Nhanderú é o que?

M – Nhanderú é rezador… rezador… Meu pai tem... tinha 109 ano. Ele morreu, ele é o cacique daqui mesmo, Que ele... primeiro retomada… primeira retomada, esse Piracoã ele tava aqui com a briga. Ele e meu esposo também… Ele era novo ainda meu esposo. Por isso quando eu olhei ontem, eu olhei lá na… no chorar… dá até vontade de chorar, eu levantei lá… eu não consigo, eu lembro do meu pai. Quando ele nau… (voz de choro) Eu sinto muito. É…

L- Aquele… aquele poster que tava lá era do seu marido, não? Assassinado?

M – Não… Não, não, não…

L – É outro, né? Infelizmente tem muito assassinato de indígena, né?

M – É tem o Marcelo de Souza, tem o Anisio Gomes, tem esse Glaudino, Glaudin parece… e mais outro… Assassinado.

L – Tudo mandado por fazendeiro…

M – É, tudo mandado por fazendeiro. Porque é dificil… Por isso que a gente dá mais força pras crianças, né? Aprendendo, desde pequeno, aprendendo um dia vai ficando pra eles, né? Levando de novo como um dia, o rezador, o cacique Nhanderú, um dia vai partir e fica de novo, vai levando de novo…

L – E como que é o processo de escolher outro Nhanderú, outro cacique… Como que é?

M – Aí tem que ensinar pra ficar no lugar dele. Mm Tem que ensinar mesmo a levar tudo que tem se aquela sabendo, tem que perguntar mesmo. Fala pra ele tem que aprender tudo, se ele partiu, já fica pra ele.

L – Entendi… Já vai preparando antes desse partir, né?

M – Antes de partir vai preparando pra… Então é a gente é assim…

L – O filho? Prepara o filho ou alguém… algum parente?

M – É depende quem que agradava né? Com o filho, a filha, o neto, a neta… E o outro também… É… e pergunta, senta e conversa com ele. Eu vi ontem falava assim: “Tem que conversar com o Nhanderú pra poder… Jovem, vocês tem que aprender mais…” Eu vi falar em Guarani ontem… É verdade quem falou. É assim mas e vê a Tanar é avô, idade já, avançada já. Conversei ontem com ele, ele fala pra mim: “Eu não aguento mais pra mim andar desse jeito. Eu não consigo mais andar, porque a minha perna tá cansada…” Fala pra mim. É verdade eu falei pra ele: “Um dia, se eu partir, quem que vai levar o meus herança”. Fala pra mim. “É e quem sabe” Eu falei pra ele “leva sim…Deus é grande” eu falei pra ele assim. É um jeito de falar também…

L – Dona M, eu vi ontem assim que as mulheres tem muita força também né? Conta um pouquinho pra mim dessa relação, assim, né?… Da luta que é dos homens, das mulheres… Como que vocês trabalham juntos…

M – Sim… A mulher dá mais é força pra Nhanderú também. O Nhanderú ensina pra mulher. Pra levar também a força pra os homens também. Aí leva, reza também é eles desedor… Leva tudo também ensina. Igual que jovem que tá ensinando. Eu mesmo se sentar, falei pra ele. Ensina. Igual agora… Nhandeçú. A mulher fica em Nhandeçú. Nhanderú, é Nhandeçú. Aí também as menina tem que aprender também com as mulher pra levar também. Um dia se partiu (inaudível) a morte não espera nada.. E aí já fica pra ela já… É e… Assim.

L – É um problema pros indígenas casamento interacial assim, casar com branco, casar com negro? Acontece no Tecohá.

M – É, lá na minha aldeia, eu mesma da minha parte não tem… Na minha parte não tem, porque pra mim eu acho que é… Não dá mesmo dentro da aldeia, mesmo. Né? Porque tem lá… Era do meu sogro. Tinha bastante, tinha branco. Tem bastante. Tem gaúcho, tudo roça que tem lá. Mas só que tem assim o cor que não parece, né? Mas só que o branco mesmo não dá mesmo. Eu… e ontem eu tava falando... perguntaram pra mim. Não adianta negar eu falei: “Tem sim”. Mas da minha parte não… De toda a minha família é do Kaiowá. (as duas vozes emboladas). É importante pra rezar… pra rezar, pra lutar… É pra nós mesmo mais e branco não. Porque não sabe pra rezar, pra… Eu não sei não porque lá mesmo tem mesmo… Porque no Supapy também não tem. Mmm Aí quando tem os jornalistas e tem um branco eles esconde já. Já escondeu. Tem que esconder porque ele vai perguntar né? Vai chegar lá entrevista, fazer conversa, conversar, né? Como que está passando… Vai conversar com o indígena… que mmm, Indígena, indígena mesmo… né? Do coro mesmo, da terra mesmo.

L – É… isso… depois vai só (inaudível)

M – Verdade…

L – E tem muitos casos de suicídio também? Ou por aqui não?

M – Tem sim… Tem sim. Lá mesmo no nosso Tecohá tem…

L – Pessoas que se matam né?

L – É… E porque que a senhora acha que tem essa onda de suicídio? O que que está acontecendo?

M – É por causa da… dos pistoleiro, dos fazendeiro, né? La na minha fazenda não tem mais suicídio, mas e… os pistoleiro mandaram lá que… As criança correram tudo… Só que não faz nada… É só… Só aquele meu esposo porque aí mataram né? Mandaram mataram. Só que hoje… até agora não aconteceu nada. Porque a gente, eu mesma que cheguei lá… alguma coisa. Foi conversando com o Ministério Público. Conversa com… pra não fazer isso, pra avisar. Porque tem que falar mesmo, tem que contar… E… Lá não aconteceu nada. Outro lugar acontece mesmo… Acontece. Tem bastante a nossa aldeia, né? Tem bastante… Tomada é… Homologado é mais lá não aconteceu nada.

L – Quem que a senhora considera que são os parceiros na luta assim? As pessoas que apoiam a luta dos Guarani-Kaiowá? Quais são os grupos?

M – É… Apoiam mesmo é Nhanderú que apoiou agora… Mais a posto pro luta. Aí a gente vai tudo atrás… Né? (inaudível) deu força pra ela lutar é…

L – A senhora acha que no governo Lula e Dilma foi um pouco melhor, pra o Guarani-Kaiowá, ou não?

M – Ah Lula foi sim. Aí Dilma um pouco… Eu lembro é mais é da Lula. É porque é ele vem olhar como a gente tá passando… Ele vê mesmo, ele vim mesmo… Ele viu pelo olhos mesmo. Que aí até agora. Agora todos os que lembra dele eu lembro que falava assim que agora que talvez ele ganha… Vai sair demarcação pra nós. Graças a Deus. Ajuda, né?

L – E qual a avaliação da senhora sobre a vinda do Terena aqui ontem?

M – Eu não vim, daquela hora eu não escutei não.

L – Ah, a senhora não tava…

M – Não, só chegou… Foi lavar minha roupa no rio, quando eu voltei ouvi brarulho… Mandaram eu olhar. Já tinham mandado embora...

L – Mas já tinha mandado embora né? Foi bem, foi bem forte, assim… Porque não… não dá pra dizer que tá na luta e se alinhando com outra gente né?

M – É mesmo, é verdade… Eu vi… eu vi chegar mas eu não fui lá, não acompanhei não…

L – Como que a senhora acha que índio e negros podem se… caminhar juntos… se aliar assim na luta?

M – Pra mim, pra caminhar junto assim é igual… Igual. Eu vi na, nos… no video, na televisão. Pra mim é igual. É igual porque cor e sangue não é separado não. Mas é igual… sangue que tá corre em mim corre também no negro também. É, pra mim não deu nada mesmo. É.. Uhum

L – Somos irmãs né? Como que fala irmã em guarani?

M - Mamai

L – e como que fala negro.

M – Caambá.

L – Gambá?

M – Caam-bá!

L – Certo Mamai, obrigada. Risos

M – Mamai…

L – Sim… deixa eu tirar aqui...